

RITOS E SOCIABILIDADES NO TORCER COLETIVO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO EM UMA TORCIDA DO FLAMENGO

Recebido em: 18/08/2014

Aceito em: 09/01/2015

Rafael Leal de Lima

Diego Luz Moura

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Petrolina – PE – Brasil

Marcelo Moreira Antunes

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Campinas – SP – Brasil

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as relações de sociabilidade nos estádios de futebol, a partir da interação de uma torcida organizada. Realizamos uma pesquisa etnográfica durante os jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol do ano de 2009. Acompanhamos as interações de uma torcida na preparação dos jogos, durante e após as partidas. Ao final, concluímos que não dá para generalizar todos os torcedores como violentos e que há uma demanda de torcidas com princípios pacíficos. Sugerimos que se busque valorizar os gestos de torcidas pacíficas nos estádios.

PALAVRAS CHAVE: Futebol. Atividades de Lazer.

RITUALS AND SOCIAL INTERACTIONS IN COLLECTIVE CHEER: AN ETHNOGRAPHIC STUDY OF AN ORGANIZED FAN OF FLAMENGO SOCCER CLUB

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the relations of sociability in football stadiums, from the interaction of an organized fan. We conducted an ethnographic study during matches of the Brazilian Soccer Championship in 2009. We accompany social interactions of an organized fan in preparation of games, during and after matches. At the end, we conclude that it is not possible to generalize that all fans are violent and that there is a demand for organized supporters with peaceful principles. We suggest search to value the actions of organized supporters peaceful in the stadiums.

KEYWORDS: Soccer. Leisure Activities.

Introdução

O futebol no Brasil é um veículo para a socialização e um complexo sistema para a comunicação de valores (DA MATTA, 1982). O senso comum aponta o Brasil como o país do futebol, devido aos grandes jogadores e o apelo das torcidas desse esporte em todas as regiões brasileiras. Segundo Hollanda (2009), o termo ‘torcedor’ vem da década de 1910, quando mulheres compareciam aos estádios para torcer, levando consigo lenços e fitas das cores de seus times. Suas emoções eram expostas em suas expressões faciais e no ato de torcer o lenço.

A primeira forma de torcer coletivamente no Brasil, segundo Toledo (1996), surgiu na década de 1940. Há relatos de que a primeira torcida foi a Charanga Rubro Negra, fundada em 1942, quando um torcedor do Flamengo organizou uma banda musical para animar os jogos do time. Esses grupos passaram a se chamar Torcida Uniformizada, devido aos adereços e vestimentas que os integrantes usavam para se diferenciar dos demais.

A partir da década de 1960, há indícios de mudanças no comportamento desses grupos. Surgem as Torcidas Jovens, com comportamentos diferentes dos utilizados na época, usando incitação ao confronto, atitudes ríspidas e músicas de apologia à violência em seus ideais. Os conflitos eram comuns entre esses grupos.

As torcidas jovens cariocas surgiram entre 1960 e 1970 [...] enfatizam a transgressão e a agressividade deliberada como características centrais [...] desses agrupamentos a Torcida Jovem do Flamengo foi o primeiro agrupamento deste tipo a se constituir (TEIXEIRA, 2006, p.1).

Com o passar dos anos ocorreu a criação de novas e numerosas torcidas. O crescimento desses movimentos foi responsável por surgir novas formas de torcer e de

demonstrar pertencimento às equipes de futebol. Segundo Morato (2005), estes grupos de torcedores oficializaram esta união com o nome de Torcida Organizada (TO).

É comum relacionarmos a violência nos estádios com as torcidas organizadas. Há uma percepção de que estes indivíduos vão apenas para brigar e que todas as torcidas praticam violência. Devemos observar que existem diversas formas de sociabilização entre as torcidas e seus integrantes. Foi com um olhar atento sobre as diferentes formas de torcer que tivemos contato com a Torcida Pesquisada. Geralmente quando falamos em torcidas há certo consenso de que tais ajuntamentos de torcedores possuem grande número, representação do clube pelo qual torcem e influência sobre a diretoria do clube. Entretanto, embora com apenas 10 integrantes a torcida pesquisada possuía características que nos chamou atenção: a) forte consenso sobre o torcer não violento; b) extrema organização; c) participação maciça nos jogos de seus times e; d) relação de sociabilidade com as outras torcidas.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar as relações de sociabilidade nos estádios de futebol, a partir da interação de um grupo de torcedores organizados.

Metodologia

Estudamos uma torcida organizada de futebol que possui 10 integrantes torcedores organizados, que se reúnem para assistir os jogos de um clube de futebol do Rio de Janeiro.

Foi realizado um estudo etnográfico, que é aquele em que o pesquisador se insere no contexto social de seu objeto de pesquisa, passando a conviver com o grupo estudado. Segundo Fonseca (1999), essa forma de estudo, visa obter respostas mais amplas do que as entrevistas estruturadas oferecem. O esforço da etnografia é o de

realizar uma tradução da cultura do grupo pesquisado. Entretanto, não podemos entender a cultura de um grupo apenas como um patrimônio histórico acumulado. A cultura é dinâmica e se reconstrói constantemente a partir das interações dos atores sociais em um processo de lutas e contestações. Nosso esforço é apresentá-la, também, como um campo de lutas e de afirmação de novos significados.

Foram observadas as interações de uma torcida organizada de um clube do Rio de Janeiro durante o campeonato brasileiro de futebol no ano de 2009 no período de maio a dezembro. Acompanhamos um total de 21 jogos, dos 38 disputados pelo Flamengo naquele campeonato, computando 55,3% destes. Os jogos observados foram realizados no estado do Rio de Janeiro com partidas no estádio do Maracanã¹ e Engenhão².

A Torcida pesquisada surgiu no início dos anos 80, buscando apoiar o time em todas as situações, evitando vaias aos jogadores e provocação de violência entre torcedores aliados e rivais. Encerrou suas atividades no ano de 1985, mas em 2002 retornou aos estádios. É uma torcida pequena com a frequência de aproximadamente 10 integrantes aos estádios. Escolhemos a torcida pesquisada por ser autointitulada uma torcida de não aderência à violência nos estádios e pela facilidade de acesso do pesquisador.

Durante as observações realizamos também, entrevistas semiestruturadas com quatro componentes da torcida pesquisada. O roteiro das entrevistas foi construído a partir das questões que surgiam nas observações durante os jogos, a preparação para os jogos, a saída dos estádios e as festividades e eram registradas no diário de campo.

¹ Estádio Mario Filho.

² Estádio Olímpico João Havelange.

Resultados

Os resultados foram divididos em duas categorias: As torcidas organizadas: seus ritos e símbolos, e a sociabilidade entre torcidas.

As Torcidas Organizadas: Seus Ritos e Símbolos

Os rituais são marcos na vida das pessoas e na sociedade. Simbolizam uma passagem marcante. Para Turner (1974) e Van Gennep (1978) os “*ritos de passagem*”, se referem a marcos como o nascimento, a entrada na adolescência, a entrada na fase adulta, a morte e outras passagens importantes que simbolizam a mudança de fases distintas. No Brasil, a palavra ritual, no senso comum, está mais relacionada a momentos e comportamentos solenes. Da Matta (1977) aponta que os rituais dizem tanto quanto as relações sociais, pois apontam valores que são construídos e partilhados.

As TOs possuem os seus ritos e símbolos, formas e gestos característicos para torcer. Cada forma de torcer é construída a partir da interação do grupo. Porém, isso também ocorre por assimilação e repetição de outras torcidas, se construindo como uma espécie de *ethos* da torcida organizada.

Jahnecka, Rigo e Silva (2013) apresentam as formas de torcer da Torcida Xavante, pertencente ao Clube Grêmio Esportivo Brasil, da cidade Pelotas, RS. Em seu estudo etnográfico, nos foram indicadas diversas formas de torcer destes torcedores, transmitidas em cada momento da partida, como quando ocorre um gol, faltas, cartões, bem como as práticas da torcida no antes e depois dos jogos.

Em nosso estudo, verificamos estes rituais principalmente em duas manifestações: *A ornamentação dos estádios e as superstições*.

A ornamentação dos estádios

A ornamentação dos estádios é o principal rito que as Tos seguem. O ritual da ornamentação é disposto em quatro momentos: *a preparação, a armação, o transporte e o desarme.*

A preparação

É o processo de separação do material para ida aos jogos até o final da partida. Jahnecka, Rigo e Silva (2013, p.7) destacam em seu estudo que *“Para alguns torcedores, o antes do jogo inicia dias antes da partida”* A preparação da torcida pesquisada, inicia no Bar do Zé, localizado próximo ao Maracanã. Este bar atua como uma espécie de depósito do material³ da torcida pesquisada e da torcida amiga⁴.

Geralmente, as torcidas possuem faixas, bandeiras variadas e bateria composta de instrumentos musicais de percussão como bumbos, surdos e caixas. As Tos levam também a faixa principal (torcidas maiores por vezes também levam faixas secundárias). Os adereços menores como apitos, buzinas, figuras personalizadas e papéis picados são utilizados em ocasiões especiais ou jogos decisivos. A faixa é o adereço mais importante que uma TO possui. Ela é considerada o símbolo principal que marca a presença em um estádio. Em algumas ocasiões que os integrantes da pesquisa organizada não puderam estar presentes pediram que a torcida amiga levasse sua faixa para “marcar presença” no estádio.

A escolha da quantidade de adereços que são levados ao estádio é definida em relação a importância do jogo e a quantidade estimada de público de cada jogo, quanto

³ A torcida possui um total de 6 bandeiras de 3 metros² e 6 bambus com 5 metros de altura. (um para cada bandeira). A faixa tem 17 metros de comprimento. A faixa e as bandeiras possuem o mesmo tecido. Havia uma bolsa única para transporte dos mesmos.

⁴ A torcida amiga também é do time do Flamengo e não possui características de confronto e violência.

maior o apelo de público, maior a quantidade de adereço levado aos jogos. Essa decisão é tomada em conjunto e em comum acordo pelos diretores que vão ao jogo, pois são os responsáveis em gerenciar a torcida. Decide-se antes da ida ao estádio, economizando tempo que é utilizado na preparação. As decisões são partilhadas por todos os membros presentes, parecendo haver uma relação com certa democracia. Nenhum membro da torcida pesquisada utilizar de sua relação hierárquica para impor sua opinião. Este tipo de interação pode estar relacionado com o pequeno número de torcedores que a torcida possui; talvez pelo fato dos integrantes serem familiares e amigos próximos, e pela torcida partilhar de valores contrários a violência.

A armação

Nos estádios, os espaços são delimitados entre as torcidas maiores, sobrando poucos espaços para as menores. Há uma relação assimétrica tácita de hierarquia entre as torcidas, na qual as maiores e mais antigas predominam sobre as menores e mais novas. Foucault (2001), analisando as relações de poder, aponta que estamos cercados por relações de poder e ninguém, objetivamente, é o titular do poder, assim como as relações de poder não são detentoras apenas de um grupo social, mas partilhadas de acordo com o contexto em questão. No caso das torcidas organizadas, as torcidas maiores reivindicam maiores cotas de poder através de sua tradição e/ou do reconhecimento de serem violentas. Segundo Lima, Moura e Antunes (2014), questões de hierarquia e quantidade de torcedores determinam o local e o tamanho do espaço que cada TO possui nos estádios. Isto é visto pelos autores como fator de risco para eventuais conflitos.

No ritual da armação as bandeiras são colocadas primeiramente na rampa de entrada do acesso às arquibancadas, pois é comum que as torcidas exponham seus adereços antes do jogo começar. Já a faixa é colocada no alambrado da arquibancada⁵ para demarcar o espaço da torcida. De acordo com Morato (2005), as grandes bandeiras ou “bandeirões” são exclusivas das torcidas organizadas e sua exposição não é frequente como a da camisa. Existe certo ritual para içá-la, que ocorre antes dos jogos, na entrada da equipe no gramado e na ocorrência do gol. Os adereços de cada torcida organizada servem para diferenciá-las e em geral levam as cores do time, nomes da torcida, frases de incentivos, caricaturas de um ou todos os jogadores, escudos do time e/ou da torcida entre outros.

No caso da faixa, a armação se dá dentro do estádio, antes do início dos jogos, quando alguns integrantes são designados para estenderem e amarrarem a faixa no alambrado. As bandeiras são colocadas nos bambus, ainda no lado de fora do estádio, devido às regras de segurança aplicadas pela polícia⁶.

Na torcida pesquisada, observamos sempre os mesmos integrantes a realizarem a armação. Nos jogos de estimativa a grande público, eles faziam as refeições no Bar do Zé para economizar tempo e agilizar a montagem. Por ser uma torcida pequena, alguns integrantes eram sobrecarregados para a ornamentação. Um deles, Antônio, quem exprimia a maior vontade em realizar tal tarefa, sem queixas: “*Não me importa nem um pouco chegar cedo, buscar bambu, amarrar bandeira, trazer e levar no ombro. Não estou nem aí.*”. Por mais que a ornamentação sobrecarreguem alguns integrantes,

⁵Esse ritual era realizado no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, pois em outros estádios, a forma de ingresso se fazia de outras formas.

⁶ Para entrar com o material nos estádios, se faz necessário o envio prévio de um e-mail ou fax para a polícia solicitando autorização para entrada dos adereços. Mediante autorização, no portão de acesso se faz a revista com a conferência do que foi pedido e autorizado, além da revista pessoal para a não entrada de armas e fogos de artifício que são proibidos. Nesse momento as bandeiras autorizadas devem ser montadas para a entrada com as mesmas fixas aos bambus.

notamos que o fato de ser responsável pela ornamentação do estádio parece conferir certo status, e agrega uma legitimidade perante aos outros membros. Isso parece fazer com que a realização destes rituais lhes conceda uma importância acima dos demais integrantes da mesma equipe e de um “verdadeiro torcedor” para os membros das outras torcidas. Este tipo de gesto parece ir ao encontro de alguns rituais de passagem descrito por Turner (1974), que em alguns grupos há o desempenho de papéis sociais por novatos, onde estes precisam passar por tarefas de desgaste físico e emocional para serem aceitos. É através da realização de tais tarefas que os neófitos começam a ser considerados pertencentes aquele grupo social. No caso das torcidas, parece que o rito de ornamentação cumpre a função de passagem de torcedor comum para um membro de torcida organizada.

O transporte

Observamos que não existe um horário padrão para a realização do traslado do material nem da chegada ao Bar do Zé. Em um dos jogos contra um adversário considerado menor em relação ao número de torcedores, Rita relatou que “[...] definimos nossa ida para as 16:00. O público ia chegando, e a torcida rival também. Pra evitar qualquer tumulto, as 16:30 já estávamos no portão de entrada do estádio”. Para o transporte ocorrer corretamente, os diretores saem mais cedo de casa e retornam mais tarde. Isso inclui gastos financeiros para o transporte do material que é levado nos carros de seus diretores tendo gastos com combustíveis e estacionamento.

Rita era uma das diretoras da torcida pesquisada. Notamos que mesmo em pequena quantidade de integrantes desta Torcida, nela existe a figura feminina, até mesmo em um cargo de responsabilidade. Assim como os demais diretores, a mesma

tem voz de comando na organização dos ritos da torcida. Atualmente esse fator tem sido visto com mais frequência em diversas torcidas. Vaz (2014) enfatiza que cada vez mais as mulheres se fazem presentes em ambientes de maioria masculina.

Conhecedoras do futebol e de toda dinâmica que o cerca, as torcedoras constroem suas trajetórias enfatizando a importância de se imporem num cenário majoritariamente masculino. Partilhando do mesmo ideal e lutando pelas mesmas causas, as torcedoras ganham, aos poucos, o respeito e o reconhecimento, assumindo, inclusive, cargos importantes nas torcidas e na Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). (VAZ, 2014, p. 13).

Em entrevista, Antônio disse que: *“ocorrem certos gastos ainda mais que nos locomovemos com carro próprio”*, relacionando esse ato ao quesito segurança do material. E em jogos de maior volume, com necessidade de mais veículos, os custos aumentam. Percebemos que os investimentos financeiros na torcida são semelhantes aos dos fiéis em muitas religiões. Enquanto os religiosos utilizam dessa forma de provar sua fé, como aponta Oliveira (2006) sendo uma demonstração de fé do adepto ao *“exigir”* de Deus a concessão de bênçãos generosas de acordo como grau de sacrifício financeiro feito, os integrantes das torcidas organizadas investem seu tempo para acompanhar os jogos e recursos financeiros para financiar algumas viagens e a compra de novos adereços.

Conversando com os integrantes da torcida pesquisada, estes relatam que no momento do transporte é necessária a proteção do material. Pois, se apoderar de camisa, bandeira, faixa entre outros materiais da outra torcida, é mostrar-se superior a esta. Após a conquista deste material, que na maioria vezes se dá por violência, este é rasgado ou queimado, enquanto as torcidas entoam canções de bravura. Os membros da torcida pesquisada relataram que em jogos clássicos é necessária maior atenção para evitar conflitos e furtos dos adereços. Hélio explica que *“[...] os cuidados para um clássico*

devem ser tomados, desde a saída de casa até a parada no Bar do Zé. Algumas vezes por precaução se levam apenas a faixa e cada um a sua camisa, para chamar menos atenção possível”.

O desarme

O desarme é a retirada do material do alambrado e retorno ao local de origem com a volta para casa dos integrantes. De acordo com o resultado de cada jogo, observamos reações diferentes.

Apesar de cada resultado de uma partida mexer com as reações dos torcedores de forma diferente, na hora do desarme, essa TO demonstrou uma postura mais respeitosa com a equipe, conforme relato de Rita:

“Esperamos o juiz acabar a partida para começar a desarmar o material, sendo a faixa por último. Todos da nossa torcida se ajudam no desarme de todas as bandeiras e faixa, enquanto dois integrantes tiram as bandeiras e as dobra, um ia soltando a faixa com bastante calma para depois a enrolar”.

Antônio expôs um desses momentos depois de uma atuação ruim de sua equipe: *“Então, voltaremos para casa desanimados, desmontando antes todos os apetrechos, levando tudo, com vontade de xingar os jogadores”.* Em outra oportunidade, mas neste caso de vitória Antônio descreve quase rouco que *“o trabalho de tirar as bandeiras, observando a torcida rival indo embora antes de todos era uma cena impagável”.* O desarme para a torcida é o momento de conclusão do ritual. É a hora de se avaliar se aquilo que fizeram correspondeu ao objetivo estabelecido pelo grupo e se o rito havia sido concluído com êxito. Geralmente durante o desarme comentários sobre como deveria ser a ornamentação do jogo seguinte. Podemos perceber que o desarme cumpre

maiores funcionalidades ao grupo, é um momento pelo qual podem refletir sobre seu pertencimento à equipe e à torcida.

As Superstições

A superstição é a crença sobre relações de causa e efeito que não se adequam à lógica formal, ou seja, são contrárias à racionalidade. As superstições são uma característica do futebol brasileiro, sendo praticadas por torcidas, jogadores, técnicos, dirigentes e se apresenta das mais distintas formas, podendo possuir caráter religioso (DAOLIO, 2005).

Pudemos perceber a utilização de uma série de superstições pela torcida pesquisada e outras ainda construídas durante o período da observação. Antônio contou que em casos extremos apela à religião: “[...] uso de todas as rezas para São Judas Tadeu⁷, com direito a idas à Igreja localizada na Zona Sul do RJ e superstições”. Antônio relata que iniciou esta superstição no ano de 2007 quando o Flamengo corria o risco de ser rebaixado para a série B do Campeonato Brasileiro. Aponta que depois que começou a frequentar a igreja, o Flamengo esboçou uma reação.

No início do campeonato, duas superstições foram criadas: a primeira de se levar sempre 4 bandeiras em cada jogo e a segunda de assistir aos jogos que ocorriam fora do Rio de Janeiro na casa do Antônio.

Rita nos relata que era comum a torcida pesquisada levar três bandeiras para os jogos, pois um número maior de bandeiras poderia dificultar o traslado com o material. Entretanto, em determinada oportunidade os membros tiveram a ideia de levar uma bandeira a mais e a equipe saiu-se vencedora. Logo:

[...] eles decidiram que com essa vitória “mágica”, por terem levado uma bandeira a mais e dado certo, não seria coincidência. Então a partir desse

⁷ Segundo a fé católica, São Judas Tadeu é um santo de devoção. E foi acolhido pelo clube do Flamengo como santo padroeiro.

jogo em diante 4 bandeiras seriam levadas por jogo. Formou-se uma “corrente”, uma espécie de pacto onde em caso de quebra, tudo tende a dar errado. São coisas do folclore de torcedor. (Relato de Rita)

A outra superstição criada, a respeito dos jogos fora do Rio de Janeiro, se deu quando Antônio e Pedro não puderam acompanhar os jogos fora do estado do Rio de Janeiro. Nesta oportunidade os integrantes da torcida acompanharam o jogo através da transmissão da televisão na casa de Antônio. Bastou ocorrer esta vitória no 1º jogo assistido na casa de Antônio, com Pedro presente, para o surgimento de uma nova superstição. Sobre esta superstição Pedro disse que: “[...] *assistimos agora aos jogos juntos na casa de Antônio, pois desde o jogo contra o Atlético Paranaense, o time iniciou uma série invicta. Até o fim do campeonato vamos ver o jogo sempre lá!*”.

Verificamos que há um esforço para manter as superstições. Observamos orações, o uso contínuo da mesma vestimenta, a busca em sentar sempre nos mesmos assentos no estádio, entre outros. Quando a chance do Flamengo ganhar o título de campeão brasileiro se tornou matematicamente possível, as superstições se intensificaram. Os torcedores começaram a “buscar a sorte” que “os acompanhavam” desde os tempos que iam ao estádio sem a torcida. Em um dos momentos afirmaram que havia uma vaga no estacionamento que era responsável pelos títulos, pois em todos os títulos do Flamengo o carro estava nela. A “descoberta” deste fato animou a TO, ao mesmo tempo em que se constituiu como mais uma meta. Nos jogos mais importantes, a torcida começou a escolher o horário do transporte em função da vaga no estacionamento.

As superstições observadas nos torcedores da torcida pesquisada atuam de forma semelhante à eficácia simbólica, citada por Strauss (1975) ao analisar o comportamento

em torno da cura xamanista⁸. Os partos difíceis de mulheres ocidentais eram realizados pelos Xamãs, em quem as mulheres depositavam sua confiança, mesmo que sem um contato físico qualquer, o sucesso era creditado à influência dele. Os torcedores utilizam do mesmo sentimento em dar às superstições a razão pela vitória do seu time.

A Sociabilidade Entre Torcidas

Durante a investigação observamos relações de sociabilidade entre as torcidas organizadas. A torcida pesquisada mantém maior relação com a torcida amiga. A torcida amiga foi criada em 1995, mas só conseguiu espaço nas arquibancadas no ano de 2001. Possui cerca de 300 integrantes e é reconhecida pelo repúdio a violência e à irreverência e bom humor nas letras de suas músicas.

Estas características aproximaram a torcida pesquisada e a amiga. Atualmente as duas partilham do mesmo espaço de preparação e da condução para as viagens nos dias de jogos fora do estado do Rio de Janeiro.

A torcida amiga possui recursos de vendas de adereços (camisas, shorts, bonés, adesivos) além de mensalidade com seus sócios. Isso permite que a mesma consiga comparecer a quase todos os jogos da equipe em território nacional e internacional, custeando as viagens com recursos próprios. Já a torcida pesquisada tem um pequeno número de torcedores, não possuem mensalidades, e o custeio das viagens são rateados entre os diretores (Antônio, Pedro e Hélio). Isso dificulta as viagens, pois os custos de materiais também são arcados pelos diretores. Dessa forma, apenas a jogos em Estados próximos, ou partidas consideradas de extrema importância, se faz possível uma viagem.

⁸Técnica xamanista que consistia no uso de remédios e cantos por parte dos médicos indígenas, chamados de Xamãs, com o objetivo de curar os partos difíceis das índias ocidentais.

Voltando a relação de sociabilidade entre torcida pesquisada e a amiga, esta se dava principalmente nas viagens para acompanhar os jogos do Flamengo fora do Rio de Janeiro. As duas torcidas realizavam as viagens juntas, a torcida pesquisada buscava estar sempre presente nos jogos para isso contavam com José (membro da torcida pesquisada) que embarcava no ônibus da torcida amiga levando a faixa da torcida pesquisada.

A relação de sociabilidade entre estas duas torcidas não ocorria apenas nas viagens, mas também no Bar do Zé, que também funcionava como concentração da torcida amiga.

Em todas as viagens em conjunto, a relação amistosa marcavam os trajetos aos jogos. Numa situação, José nos contou que,

Foram 6 horas de viagem de van por trecho. A van estava com lotação máxima. Durante a ida todos tomam bastante cachaça e cerveja. Ninguém era obrigado a beber, embora quase todos ficaram embriagados. Inclusive eu.

Reparamos que o uso do álcool nas viagens é bastante comum. Para a Torcida amiga é parte essencial em todas as viagens realizadas por terra (ônibus, vans). Essa ingestão, muitas vezes é danosa ao espetáculo futebol, pois seu uso em excesso, pode provocar embriaguez ao ponto de um torcedor perder o controle de suas emoções. Palhares *et al.* (2012) afirma que o uso do álcool pode ser um fator de risco devido ao indivíduo alcoolizado não ser capaz de distinguir suas atitudes, causando problemas na ordem fisiológica e principalmente social, pois uma emoção não contida, num desporto onde as emoções são intensas pelo ato de torcer, pode resultar em conflitos. Nessa perspectiva, Romera e Reis (2009) afirmam que essa mistura de álcool e esportes, principalmente no futebol, é um composto perigoso pelo fato dos torcedores serem em sua maioria jovens sadios e masculinos.

Se as primeiras doses de álcool possibilitam um efeito socializador, no entanto, as doses seguintes podem estimular a violência, agressividade e a impetuosidade, capazes de levar o jovem a assumir atitudes de risco, já que ele tem seu poder de avaliação reduzido, sendo um dos problemas de seu consumo em estádios de futebol (ROMERA; REIS, 2009, p.10).

Mesmo que ambas Tos não buscassem conflito, os mesmos ocorreram, devido à rivalidade entre equipes e torcidas. Apenas a utilização das cores do time muitas vezes era o suficiente para iniciar um conflito. Ao assumir a posição de Torcida Organizada, o torcedor adere ao risco de, mesmo não possuindo o objetivo de praticar atos violentos, passa a estar sujeito a passar por tais situações, uma vez que seus símbolos (camisas, cores, bandeiras) induzem a isto. Palhares *et al.* (2012) reforça que tais atitudes reforçam a rivalidade com torcidas rivais, resultando muitas vezes em agressões, emboscadas, etc.

O pertencimento ao grupo reforça identidades, solidariedade e oposições [...] rivalidade, muitas vezes, pode gerar a violência de uma forma extrema, sendo assim, há necessidade de separação espacial [...] Esta separação ocorre, não somente no campo de jogo entre os times e nas arquibancadas entre as torcidas, mas chega a ultrapassar os limites do jogo, delineando, até mesmo o percurso para a chegada ao estádio (Palhares *et al.*, 2012, p.7).

Em um desses momentos, Zé relatou ter sofrido uma emboscada numa viagem para SP.

Quando chegamos na van estacionada, os vidros laterais estavam quebrados. Foi preciso um papelão para proteger os locais quebrados, e encarar o frio na noite. E da estrada nas 6 horas de viagem até o RJ. Para melhorar o frio desse imprevisto, sabendo que a viagem de volta se iniciara às 19 horas com chegada às 0:30, restou então vir bebendo a cachaça que havia sobrado da ida para esquentar o organismo até a chegada em casa. (relato de Zé).

A sociabilidade é a capacidade do indivíduo de se relacionar com os membros do grupo que pertence e outros grupos através de diferentes formas de interação. No que se refere à sociabilidade, Simmel (2006) apresentou o conceito de “sociação”, que é o processo de interação dos indivíduos sem objetivo algum e essas relações se tornam interdependentes. Entretanto, podemos perceber que há interesses por trás das redes de sociabilidade entre as torcidas. Se analisarmos o caso da torcida pesquisada,

percebemos que a união com a torcida amiga garante a possibilidade de compartilhar do mesmo veículo aos jogos e por outro lado a torcida amiga pode interagir com outra torcida que possui valores próximos.

Entretanto, existem momentos de sociação, onde a interação entre as torcidas é desinteressada. Um exemplo desse conceito foi visto no relato de Pedro, ao nos contar como se deu a relação entre os integrantes para um jogo importante, onde foi preciso uma forma de organização maior para o ritual de ornamentação:

No Sábado, véspera do jogo, era preciso picotar papel para serem jogados na saudação do time ao entrar no gramado. A meta era a de 100 saquinhos plásticos (valor suficiente para preencher o espaço destinado à torcida na arquibancada). Nos reunimos em minha casa. Chamamos amigos que nem iam ao jogo para ajudar. Fez-se necessária a ingestão de vodca com redbull pra galera ficar mais acordada. Antônio não bebeu para poder levar as meninas para casa de madrugada de carro. Entre doses, serviço e piadas diversas terminamos as 4 da manhã. (Pedro)

Também foi possível observar que ocorreram sociabilidades por outras pessoas: Polícia, organizadores do evento, outras torcidas, etc. Foi possível verificar que embora cada envolvido tivesse um interesse próprio e diferente, se fez necessária a interação para o êxito de todos.

Esse interesse mútuo é fundamental para que o resultado dessa integração seja bom para ambos. Verificamos essa interação com o GEPE⁹, onde havia uma boa forma de tratamento pelas partes. Hélio nos explica que: “[...]os policiais do GEPE já nos conhecem. Sempre os tratamos com respeito e educação, ajudamos quando preciso, atendemos a todas as solicitações”. O resultado dessa interação é positivo para ambas

⁹ Grupamento Especial de Policiamento em Estádios – Órgão criado pela Polícia Militar do RJ para atuar em eventos esportivos no estado.

as partes, facilitando o trabalho dos policiais, e à torcida que pode contar com o apoio do grupamento sempre que necessário.

Outro momento que chamou atenção era a interação com um funcionário do estádio, responsável pela entrada de um dos estacionamentos. Hélio descreveu como aconteceu essa aproximação:

Durante anos estaciono meu carro aqui. Sempre com o mesmo camarada vendendo os tíquetes. Aos poucos passamos a nos cumprimentar mais e puxar assunto. Até que com o passar dos anos, o mesmo já reservava meu tíquete, pois sabia que eu ia a todos os jogos. Assim, quando ocorre uma fila enorme, já que o estacionamento é pequeno, ele nos ajuda vendendo o tíquete de estacionamento antes da abertura do mesmo, onde um de nós o aguarda no portão de entrada do estacionamento e com sua chegada o tíquete era comprado. Assim, mesmo que o portão fosse fechado pela venda total dos bilhetes, eles teriam de abrir para de quem já possuía o tíquete. (Hélio)

Podemos observar novamente como as redes de sociabilidade construídas pelas torcidas estão permeadas de interesse, mesmo que não ocorra nenhuma negociação financeira por tal “favores”. Entretanto, há momentos em que as torcidas se unem por um motivo único. Um exemplo foi a construção do mosaico, relatada por Antônio e Pedro. Num jogo que antecedia a final do campeonato, as torcidas se uniram para que conseguissem preencher o estádio todo (todos os assentos) com um mosaico, usando papéis, que montados formava uma frase de incentivo.

Desde o início foi necessário divulgar e recrutar voluntários mesmo de fora das torcidas. Foram feitas reuniões entre os líderes das maiores torcidas, o clube e o patrocinador para conseguir suporte financeiro de material. Foi divulgada então uma reunião geral nas redes sociais de internet, e feita uma reunião geral em local público da cidade. Em torno de 200 participaram da preparação, com cerca de 50 torcedores comuns. Com a criação do mosaico pronto, restou a todos chegarem pela manhã no Estádio, colar os papéis um a um, enquanto os líderes colocavam os papéis com a mensagem, de cores diferentes e locais específicos. 82 mil cartazes foram colocados. O término da montagem ocorreu restando 30 minutos ao início do jogo. Ao início, tudo deu certo, e a mensagem pode ser mostrada. Foi o recorde desse tipo de montagem entre todas as torcidas de futebol no momento. (Pedro)

A partir dessa interação, podemos perceber que, embora houvesse tensões nas reuniões entre as Tos, pelo pouco tempo de montagem, o resultado foi que todas saíram ganhando. As Tos foram aplaudidas e se sentiram prestigiadas pela repercussão na mídia. O clube que teve sua imagem melhorada perante a mídia, e o patrocinador, pela exibição ocorrida em diferentes mídias, obteve ganhos financeiros pelo vínculo ao projeto e exibição da sua marca.

Considerações Finais

Ao acompanhar a interação da torcida pesquisada podemos perceber que não é possível generalizar que todas as torcidas possuem atitudes de violência. Porém, a partir desta análise podemos refletir sobre a sociabilidade entre as torcidas.

Podemos observar que há uma demanda de novas torcidas que buscam uma convivência pacífica nos estádios, mas que muitas vezes por não possuir um destaque ou apoio acabam ficando restrita a poucos torcedores quando comparados com as grandes Tos dos times grandes que sempre possuem um histórico de maior violência. Verificamos que os membros buscam outros torcedores que partilhem valores semelhantes para conseguir conviver juntos assistindo aos jogos.

Outro fato que merece destaque é que a visibilidade dos atos de sociabilidade não é vista pela sociedade devido ao pouco destaque midiático. Sugerimos que houvesse uma identificação das torcidas que atuam com gestos de sociabilidade e atitude pacífica para que houvesse maior incentivo de sua participação nos jogos.

REFERÊNCIAS

DA MATTA, R. Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n.1, 1977, p. 3-30.

_____. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. **Futebol, Cultura e Sociedade**. São Paulo, Autores Associados, 2005.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, n. 10, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

HOLLANDA, B. B. B. Futebol, Arte e Política: A catarse e seus efeitos na representação do torcedor. **Revista O&S – Organização e Sociedade**. Bahia, v.16, n.48, 2009.

JAHNECKA, L.; RIGO, L.C.; SILVA, M.R.S.D. Olhando Futebol: Jeitos Xavantes de Torcer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.35, n. 1, 2013.

LIMA, R.L.D; MOURA, D.L.; ANTUNES, M.M. Juntos e separados: a rivalidade entre torcidas de um clube de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo, v.6, n.19, 2014.

MORATO, M. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e brugrinos. In: OLIVEIRA, T. S. **O jogo das dádivas: Considerações sobre a prática da aposta na Igreja Universal do Reino de Deus**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PALHARES, M.F.S. *et al.* Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, 2012.

ROMERA, L. A.; REIS, H. H. B. Uso de álcool, futebol e torcedores jovens. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, 2009.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

STRAUSS, L. A Eficácia Simbólica. In: STRAUSS, Levi. **Antropologia Estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TEIXEIRA, R. C. Torcidas Jovens Cariocas: símbolos e ritualização. **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 2, 2006.

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TURNER, V. **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VAZ, L.A.C. Em nome da garra, do amor e da paixão: uma análise das marcas coletivas de grupos femininos nas torcidas organizadas do clube de regatas do Flamengo. **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 23, 2014.

Endereço dos Autores:

Rafael Leal de Lima
Universidade Federal do Vale do São Francisco
Rua José Maniçoba, s/n Centro
Petrolina – PE – 56304-917
Endereço Eletrônico: rafadovolei@gmail.com

Diego Luz Moura
Endereço Eletrônico: lightdiego@yahoo.com.br

Marcelo Moreira Antunes
Endereço Eletrônico: antunesmm@gmail.com